



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM – FACL
LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

JOCIANE ALVES DA CUNHA

**A MELANCOLIA EM A HORA DA ESTRELA: A DOR DE EXISTIR NA PERSOAGEM
MACABÉA**

ABAETETUBA-PA
2018

JOCIANE ALVES DA CUNHA

**A MELANCOLIA EM A HORA DA ESTRELA: A DOR DE EXISTIR NA PERSOAGEM
MACABÉA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa. Orientador:

Prof. Dr. Augusto Sarmiento Pantoja

ABAETETUBA-PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C972m Cunha, Joiciane Alves da.
Melancolia em a hora da estrela: : a dor de existir na
personagem Macabéa / Joiciane Alves da Cunha. — 2018.
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Augusto Nascimento Sarmento-
pantoja Sarmento-pantoja

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2018.

1. Melancolia. 2. A hora da estrela. 3. Clarice Lispector. 4.
Literatura brasileira Pós-45. I. Título.

CDD 869.907

MELANCOLIA EM A HORA DA ESTRELA: A DOR DE EXISTIR NA PERSONAGEM MACABÉA¹

“Só tenho fragilidade. Mas, às vezes, tenho esperança.”²

Joiciane Alves da Cunha³

Augusto Sarmiento-Pantoja⁴

RESUMO

Este artigo propõe uma análise da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, com o propósito de compreender de que maneira se pode conceber a melancolia dentro deste romance, salientando que as tensões presentes no perfil do indivíduo na modernidade constituem-se dentro da obra pela presença do caráter melancólico da protagonista Macabéa. Para tal, discutir-se-á a melancolia fundamentada nos conceitos de Sigmund Freud e Maria Rita Kehl, além de autores que se reportam as obras de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Melancolia. *A Hora da Estrela*. Clarice Lispector. Literatura Brasileira Pós-45.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the composition *The Hour of the Star*, by Clarice Lispector, with the purpose of understanding how the melancholy can be conceived within this novel, stressing that the tensions present in the profile of the individual in modernity are constituted within of the composition by the presence of the melancholic character of the protagonist Macabéa. To that end, will be discussed the melancholy based on the concepts of Sigmund Freud and Maria Rita Kehl, aside from authors who report on the works of Clarice Lispector.

Keywords: Melancholy. *The Hour of the Star*. Clarice Lispector. Brazilian Literature post 45's.

¹ Trabalho apresentado ao curso de Letras Licenciatura – Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

² Clarice Lispector em carta à amiga Olga Borelli.

³ Discente da Graduação em Letras – Campus Abaetetuba.

⁴ Doutor em Teoria e História da Literatura pela Unicamp. Docente do PPGL-UFGA.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende demonstrar, por meio da análise da obra *A Hora da Estrela*, traços melancólicos da personagem Macabéa. Sobre Melancolia tomaremos inicialmente os estudos de Sigmund Freud, em *Luto e Melancolia*, além de Maria Rita Kehl, Walter Benjamim e Moacir Scliar. Para tanto, foram selecionados, ao longo da obra, trechos que, ao relacionar com as descrições propostas pelas referências sobre melancolia, revelam características da manifestação do sentimento melancólico, que já era percebido nas passagens bíblicas no Antigo Testamento, assim como na Antiguidade Clássica quando os médicos Galeno de Pérgamo e Hipócrates também deixaram suas contribuições acerca do estado melancólico. Mas, na Idade Média, coma Igreja Católica, a melancolia passou a ser associada ao pecado da acídia.

A melancolia percorreu os séculos e foi a partir do Renascimento que passou a ser compreendida sob outra perspectiva, agora associada a uma insatisfação do sujeito perante um mundo que não lhe satisfaz, diante do avanço da ciência, das inovações nos meios de comunicação e uma sociedade cunhada pelo capitalismo (KEHL, 2009).

Sob essa perspectiva Macabéa é revelada na obra AHE, como uma amálgama do homem comum brasileiro, imprensado num mundo complexo, aquém de sua curta compreensão de homem sem instrução, e contido num círculo de notícias vagas em uma ditadura que aprisiona a todos, além das dificuldades da vida cotidiana, da pobreza e da solidão das grandes cidades.

Este artigo discute primeiramente os principais aspectos técnicos relacionados à estrutura da obra e a relação com o panorama social e econômico do período; depois serão exploradas as abordagens sobre a manifestação da melancolia ao longo da história, bem como as definições da área psicanalítica, no caso de Sigmund Freud e Maria Lúcia Kehl, além de considerações de cunho mais literário, com a obra de Scliar, *Saturno nos Trópicos*. Apresentaremos em seguida a vida e obra da autora Clarice Lispector, escritora de AHE, a fim de produzir um reconhecimento entre sua produção literária e como ela se reflete na obra ora analisada. Finalizaremos este estudo analisando como a melancolia é identificada e relacionada à obra AHE, por meio de inter-relações entre os trechos da obra e as leituras feitas até agora sobre o tema.

2 A MELANCOLIA COMO DENUNCIA SOCIAL

A Hora da Estrela tem como protagonista Macabéa, que ainda jovem veio de Alagoas para o Rio de Janeiro, ela dividia um quarto com outras quatro moças, e trabalhava como datilógrafa. Órfã de pai e mãe, e criada por uma tia, Macabéa era uma mulher comum, para quem ninguém olharia, ou melhor, a quem qualquer um desprezaria (AHE, 1998).

Nas primeiras páginas do livro *A Hora da Estrela* verifica-se um processo de longas reflexões por parte do narrador Rodrigo SM, no que se refere a sua posição como escritor na sociedade, em contrapartida aos modos de narrar de nossa tradição literária, e isso leva a um questionamento sobre o processo de elaboração da escritura de sua obra: “É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito” (AHE, 1998, p.13), nesse sentido, é válida a fala de Nunes (2004) ao considerar que:

O narrador de *A hora da estrela* é Clarice Lispector. Ao contrário de Flaubert, que permaneceu sempre por trás de seus personagens, Clarice Lispector expõe-se, quase sem disfarce, exibindo-se ao lado deles. Também ela *persona*, na condição patética do escritor culposo (relativamente a Macabéa), que finge ou mente para alcançar certa verdade da condição humana, mas sabendo que mente, como que parodia o dito cartesiano, “Eu que penso, sou” – o *cogito* do filósofo francês René Descartes – com outra interrogação: Eu que narro, quem sou? (NUNES, 2004, p. 299).

Ao contrário de narrativas mais tradicionais, AHE apresenta uma estrutura não linear, apesar da tentativa em dar seguimento à história da nordestina, o narrador, a própria Clarice Lispector interrompe constantemente a narrativa que será revelada lentamente em meio aos questionamentos sobre a existência humana e o ato de escrever.

Assim, como define o narrador, AHE se trata de um material inacabado, e de tal modo, percebe-se, no desenvolvimento da narrativa, que algumas lacunas são deixadas, de que algumas informações sobre a trajetória de Macabéa não foram narradas. Por exemplo, o tempo que a moça viveu no Nordeste com a tia beata ou com os pais não é revelado na obra, porém, esse aspecto caracteriza grande parte das obras de Clarice que, não se detém propriamente em contar os fatos e sim revelar o fluxo de consciência dos personagens (FERRARI, 2006), como no seguinte trecho que revela uma lembrança do Nordeste: “Uma vez ou outra tinha a sorte de ouvir de madrugada um galo cantar a vida e ela se lembrava nostálgica do sertão.” (AHE, 1998, p.30).

Clarice Lispector, quando criança viveu no Nordeste, então conhecia essa realidade, assim como passou a conhecer a vida na grande cidade do Rio de Janeiro e que sentiu a

necessidade de revelar através da Nordestina Macabéa, assim como mostra o seguinte trecho da obra:

É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. (AHE, 1998, p.11).

Uma característica muito marcante na referida obra é a hesitação do narrador em falar sobre a moça, sendo que o início do livro não coincide com o início da narrativa da vida da personagem central. Trava-se um diálogo com o objetivo de preparar o leitor para começar a narrativa, segundo Rodrigo SM, “tão exterior e explícita” (AHE, 1998, p.12), Rodrigo (alter ego da escritora) manifesta uma enorme dificuldade em narrar a vida de Macabéa e deixa transparecer, nas entrelinhas, que experimentará um modo novo de escrever, contrariando seu caráter “intimista e implícito”, mesmo que narrar tal história o atordoe:

Desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo. Antes de ter surgido na minha vida a datilógrafa, eu era um homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito na minha literatura. As coisas estavam tão boas que podiam se tornar muito ruins porque o que amadurece plenamente pode apodrecer (AHE, 1998, p.17).

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar não parece fácil e á mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama (AHE, 1998, p.19).

Daí, pode-se observar os impasses manifestados pela hesitação do narrador, os implícitos que aparecem na linguagem desenvolvida na obra e do perfil da personagem Macabéa e que, a todo momento, escapa à percepção do narrador, enfatizando assim o caráter melancólico como consequência das inquietações do sujeito na era moderna perante um mundo que não lhe apraz.

Além de Macabéa, outra figura de grande relevância dentro da narrativa é o narrador-personagem Rodrigo SM. Por meio do discurso do narrador-personagem, pensado a partir de uma série de estratégias narrativas da autora, como a digressão e as autodescrições, Clarice cria a tensão dentro da obra, e constrói o perfil melancólico na figura da personagem Macabéa e, por vezes, na figura do próprio Rodrigo SM quando vê sua vida refletida na vida da nordestina ao perceber sua limitada inserção na sociedade em sua condição de escritor

marginalizado conforme o seguinte trecho da obra: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos.” (AHE, 1998, p.22).

Como bem afirmou Nunes (1989), as histórias que se constroem em AHE são indissociáveis, daí se recorrer ao discurso do narrador para analisar a personagem Macabéa, uma vez que ambos se relacionam intrinsecamente dentro da obra.

Um dos aspectos que nos levam reconhecer a melancolia existente na obra AHE aparecem tanto no perfil da protagonista, bem como no discurso do autor narrador que, ao descrevê-la, transmite a imagem de um ser desprovido de atributos físicos e sem vida, e esse aspecto nos reporta para a percepção de Galeno de Pérgamo, médico romano da Antiguidade, o qual relacionava o estado melancólico a disposições físicas e emocionais do sujeito, o melancólico foi descrito, como magro, pálido, taciturno, lento, silencioso, características estas que também são destacadas em Macabéa no enredo da obra: “corpo franzino, doente, feia, maus hábitos de higiene” (AHE, 2011, p. 34), desse modo, a jovem acaba tornando-se a própria personificação da pobreza e do abandono social que era comum no país.

Quanto ao momento histórico em que o livro está inserido, não há uma delimitação temporal nítida, assim é válido considerar o ano de seu lançamento, 1977, que coincide, também, com o ano de morte de Clarice Lispector, para traçar algumas considerações sobre *A Hora da Estrela*. Nesse sentido, Macabéa é a síntese do brasileiro comum daqueles tempos de crise econômica e distensão política, configurada nos índices altíssimos de analfabetismo, pobreza e mortalidade infantil que já assolavam o país. Sobre pobreza, para se ter uma ideia, em 1977, a porcentagem de pobres no Brasil era de 40%, o que dá uma estimativa de mais de 41 milhões de pessoas (SARAIVA; SERRA, 2001) e Macabéa, como nos narra Rodrigo, era o retrato fiel da migração interna brasileira, quando entre os anos 1950-1970, milhões de nordestinos remanejam-se para o Centro-Sul brasileiro, em busca de oportunidade de trabalho, melhoria de vida, fugindo da seca, do latifúndio e do coronelismo.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, trás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (AHE, 1998, p. 14).

O analfabetismo era assunto de Estado, o golpe de 1964 desconstrói as políticas de combate ao analfabetismo do governo Jango, baseadas no método Paulo Freire, e cria o Mobral, com metas estratosféricas de erradicação do analfabetismo alinhadas a ideologias

mais conservadoras, no que se revelou um grande fracasso, já nos anos 1960, o índice de analfabetos no país oscilava entre 39,4% e 50% da população, dependendo da região⁵. Assim, os anos 1970, enquanto locus temporal para o livro AHE, revela um quadro social em que as dificuldades em ser brasileiro são pano de fundo para a narração sobre Macabéa.

Politicamente falando, o país começa a lidar com as questões relacionadas à volta de uma democracia constitucional, Ernesto Geisel, o general-presidente desde 1974, depois de dissolver o Congresso mais de uma vez e reprimir com violência movimentos estudantis pedindo a democracia, volta atrás e anuncia o caminho rumo à democratização do país, ela seria “uma distensão lenta e gradual e segura”, palavras que podem ser encontradas em qualquer pesquisa rápida sobre a Era Geisel nos anais de História, mesmo que não haja em AHE referência a qualquer contexto histórico.

Outra marca de temporalidade passível de ser observada é a Rádio Relógio, somos informados na página 37 de que Macabéa pedia o rádio de pilha emprestado da colega de quarto e “ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava ‘hora certa e cultural’” (AHE, 1998, p. 37), representando perfeitamente a realidade da censura aos meios de comunicação na época: a ausência de informações sobre a realidade do país era substituída por cultura inútil e “hora certa” para as massas sem formação.

O Brasil do fim dos anos 1970 era massacrado pelo fim do “milagre econômico” e pelos efeitos da chamada Crise do Petróleo de 1973. Mas isso tudo se faz alheio à Macabéa, pois a ela existir era um detalhe, ou nem isso, sua autoimagem era vazia, como um vampiro à frente do espelho, ela não se reconhecia enquanto indivíduo, que dirá enquanto peça de um imenso quebra-cabeça denominado sociedade, o que só confirma a ideia de que a realidade brasileira do fim dos anos 1970 pode não estar dita em AHE, mas ela se espraia na melancolia de Macabéa, no seu não sentir gente.

3 UM SENTIMENTO CHAMADO MELANCOLIA

Segundo Scliar (2003, p. 80), na Antiguidade Clássica, Hipócrates, o médico, já atribuía os distúrbios mentais a um desequilíbrio dos quatro humores básicos do corpo: “o sangue, a

⁵ SILVEIRA, Matilde. **Criado na ditadura por Médici, em 1970, Mobral queria erradicar analfabetismo.** Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/criado-na-ditadura-por-medici-em-1970-mobral-queria-erradicar-analfabetismo-17468183>>. Publicado: 11/09/15; Atualizado: 29/06/16.

linfa, a bÍlis amarela e a bÍlis negra” e eles seriam responsáveis pelas doenças e pelo temperamento humano, um desequilÍbrio nestes elementos, podia gerar doenças, como a epilepsia e a apoplexia. Com este raciocÍnio é que, por exemplo, a melancolia associava-se a um acúmulo de bile negra no baço, sintetizada na afirmação de Hipócrates, de que a melancolia, “é a perda do amor pela vida, uma situação na qual a pessoa aspira à morte como se fosse uma bênção” (SCLIAR, 2003, p. 81).

Já Aristóteles, em sua obra *O Problema XXX*, observa que todos os homens de sua época, portadores de alguma capacidade intelectual e criadora, eram melancólicos, sendo assim, a melancolia é associada então, à genialidade humana percebida em homens que se destacaram na filosofia, na poesia e nas artes (SCLIAR, 2003).

Para o médico romano Galeno de Pérgamo (129 a 200 d.C), as alterações da presença dos humores no corpo estavam associadas a características físicas e disposições emocionais, pois,

O sanguíneo é forte, musculoso, gosta de companhia, de comida, de bebida. O melancólico é magro, pálido, taciturno, lento, silencioso, desconfiado, invejoso, ciumento, solitário — a solidão, aliás, é causa e consequência da melancolia, assim como a inatividade [...]. O melancólico sofre de insônia e, como a coruja — símbolo da sabedoria, mas ave triste —, não gosta da luz. A melancolia adusta, contudo, pode ter uma fase quente, furiosa, alternada com outra, mais típica, que é fria e contida [...] (SCLIAR, 2003, p. 72).

Tanto Hipócrates como Galeno, privilegiavam uma visão empÍrica ao se reportarem ao estado melancólico, apesar do romano se direcionar para uma concepção fundamentalmente biológica no qual acreditava que o cérebro era responsável pelas faculdades racionais do ser humano, como o julgamento, a imaginação e a memória, assim como ao fÍgado e ao coração se associava os controles e descontroles emocionais (SCLIAR, 2003). Ele, assim como os filósofos helenistas (129 a 200 d.C), acreditavam que, para restabelecer o equilíbrio do corpo, seriam necessários elementos que se opunham, como “Ao demasiadamente quente indica-se o frio e ao demasiadamente libertino sugere-se o estoicismo” (JAREK, 2006, p.10).

Essa concepção, diante da expansão territorial romana e grega, atinge a cultura árabe, e por volta do século IX, ela é associada à astrologia: os humores relacionam-se aos planetas, e a melancolia ficou sob o signo de um planeta distante e de lenta evolução: Saturno: “Até hoje o qualitativo “soturno”, corruptela de Saturno, é sinônimo de melancólico” (SCLIAR, 2003, p.74).

A melancolia também é percebida no Antigo Testamento, nas passagens bíblicas sobre os reis israelitas, os quais são descritos como personalidades complexas, ambÍguas e

portadoras de clarividências (SCLIAR, 2003), evidenciada nas histórias ricas de detalhes ao qual Scliar analisa a trajetória do rei Saul que “Dividido entre as exigências da religião, representada por Samuel, e as decisões que toma como soberano” (SCLIAR, 2003, p. 65). O rei hebreu vivia uma forte tensão, e suas emoções oscilavam entre o real e o desequilíbrio psíquico. E, assim dizia-se que ele estava sob o comando de um “mau espírito” enviado por Deus. Saul, na verdade, apresentava uma personalidade bastante complexa que evidenciava características do que mais tarde viria se chamar melancolia (SCLIAR, 2003).

Na Idade Média, a Igreja Católica associa a melancolia ao pecado da “acídia”, que para os gregos significa indiferença, a acídia era associada a um espírito maligno, também atribuída à solidão e às tentações da carne. O indivíduo acometido pela acídia mostra-se desgostoso, inquieto e sonolento, perdendo o gosto pela vida e, conseqüentemente, por Deus, já que é este que dá a vida a todos os seres e, por isto, o homem deveria pensar primeiramente em Deus, e depois em si próprio. Porém, esse conceito foi abandonado com a Reforma Protestante, e a melancolia volta a ter a denotação do filósofo grego Aristóteles, relacionada à produção intelectual e artística (SCLIAR, 2003).

No Renascimento, mediante a melancolia, “encontramos o protótipo de uma subjetividade que prenuncia o surgimento do sujeito moderno” (KEHL, 2009, p.68). O pensamento humanista não se atrela aos dogmas da Igreja, e o homem se vê diante de um mundo de inovações, de conhecimentos propiciados pela invenção da imprensa, tornando-se o centro de suas próprias referências:

A melancolia renascentista adquire, assim, um prestígio muito diferente do abatimento da vontade característico da acedia medieval. O melancólico do humanismo, convocado a buscar em si mesmo a medida de suas escolhas, reúne vontade de saber, consciência de si, busca de sentido, angústia diante da escolha. (KEHL, 2009, p.69).

Cabia ao homem renascentista escolher o que queria, mas, mesmo livre da acídia, o melancólico renascentista, diante da certeza de sua insignificância perante o mundo, angustiava-se e sofre. A melancolia passa agora, a designar um estado de espírito diferente; o desânimo do homem renascentista diante dos novos recursos investigativos racionais, diante do avanço da ciência de seu tempo, faz com que o sujeito moderno nunca mais deixe de se sentir vacilante em razão dessa perda, de um saber que a ciência não é capaz de reconstituir, e lhe impõe a incerteza do Outro. Assim, nos primeiros séculos da modernidade, o desejo do Outro se torna mais inacessível aos sujeitos, cujo desamparo manifestava-se por meio da melancolia (KEHL, 2009).

Problematizando a melancolia na modernidade, Kehl (2009) destaca o poeta-símbolo da melancolia moderna, Charles Baudelaire:

Na grande Paris, capital do século XIX, a condição melancólica do sujeito moderno é representada pelo poeta *flâneur*, que vagueia em busca de fragmentos do passado (recalcado?) na contramão da multidão urbana composta de operários, mendigos, velhos, bêbados, prostitutas e todos os desgarrados [...] Em Baudelaire, a forma subjetiva do indivíduo já se completou: ele se vê isolado entre seus semelhantes [...]. (KEHL, 2009, p. 21).

Em desacordo com o mundo que o cerca, o melancólico moderno sofre o *spleen*, forma moderna da acídia, que em Baudelaire é próximo do tédio e segundo ele, seria uma manifestação da indolência natural dos inspirados (KEHL, 2009).

Benjamin (1989) relaciona o desencanto e a falta de vontade do melancólico diretamente ao efeito de um desajuste ou mesmo de uma “recusa das condições simbólicas do laço social”. Assim, interpreta o Romantismo tardio de Baudelaire – e primeiro dos poetas modernos – como uma tentativa de superação do desencanto melancólico causado pelo fracasso das revoluções, pelo desalento do indivíduo diante de um tempo brutal, cunhado pelo capitalismo, se configurando na visão de Kehl (2009) sobre a melancolia.

Outra contribuição de grande importância para discussão acerca da melancolia é colocada por Sigmund Freud. O psicanalista, em seus escritos, faz um extenso debate que envolve o termo em questão e dedica uma de suas obras, o texto *Luto e Melancolia* (FREUD, 1917), à distinção dos respectivos termos na tentativa de compreender acerca da manifestação do caráter melancólico. Antes de tudo, Freud afirma que a definição da melancolia varia, e manifesta-se através de várias formas clínicas, portanto, um agrupamento numa única unidade seria incerto, mas valem alguns apontamentos que caracterizam a presença da melancolia e as diferenciam de outras patologias.

Freud (1917) mostra estreita relação entre luto e melancolia, pois, ambos se referem à perda de um ente ou de um objeto estimado. Assim, explica que:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição de sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envelhecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inelégível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da auto-estima está ausente no luto [...] (FREUD, 1917, p. 1).

Para o austríaco, tanto o melancólico quanto o enlutado apresentam características semelhantes, porém, a diferença reside na consequência desses sintomas no sujeito enlutado e

no sujeito melancólico. No trabalho de luto, a perda acometida ao sujeito é algo do pertencente ao seu mundo real, pode ser a perda de alguém ou algo de sua realidade e apesar do estado doloroso a que se submete, espera-se que após um período de tempo ele seja capaz de substituir o objeto perdido e retome suas relações anteriores.

Já na melancolia, o sujeito sofre um profundo abatimento, porém, não consegue identificar o objeto perdido que ocasionou sua melancolia. No sujeito melancólico, a elaboração da perda não se completa, o indivíduo não consegue ver claramente o que foi perdido, daí, dizer que a inibição do melancólico demonstra um aspecto enigmático, em que a perda do objeto é de natureza mais ideal, retirada da consciência. Ainda distinguindo luto e melancolia, o autor afirma que, enquanto no trabalho de luto, o mundo se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego que se apresenta desprovido de valor, devido à identificação do ego com o objeto perdido acarreta uma perda do próprio ego (KEHL, 2009).

Freud ampliou o campo da intervenção da clínica psicanalítica e rompeu com a longa tradição ocidental para a qual o melancólico era entendido “como um sujeito que ocupava uma posição excepcional ou excêntrica no laço social” (KEHL, 2009, p.21).

Desse modo, a melancolia perpassa vários momentos históricos da civilização, sendo encarada como doença do corpo, estado de espírito ou manifestação mágico-religiosa, observa-se que ela sempre está associada à tristeza, ao sofrimento, as frustrações, ao desalento, ao desânimo e de modo geral, a falta de interesse em viver. Daí parte o interesse em investigar a presença da melancolia na obra AHE, uma vez que tais características são recorrentes nos romances e contos de Clarice Lispector e, principalmente, em AHE através da personagem central do romance, indo além de características físicas da personagem, Macabéa é descrita pelo narrador Rodrigo SM em uma total apatia em relação ao mundo, imersa no desalento que perpassa a vida de milhões de brasileiros naquele momento.

4 MARCAS DA ESCRITA CLARICEANA

Lispector é um nome russo, a escritora nasceu em uma aldeia da então Ucrânia, depois URSS, e hoje Ucrânia, novamente, nas palavras dela em entrevista ao jornal *O Pasquim* em 1974: “numa aldeia que não estava no mapa”. Filha de um comerciante judeu e sua esposa, a pequena Clarice nasce no entrevero que é o exílio dos pais rumo à América, fugindo do antissemitismo cada dia mais evidente na Europa do período entre guerras, e dos efeitos da

Revolução Russa de 1917. Corria o ano de 1920 e Clarice se une a Leia e Tania, as duas irmãs mais velhas. A família finalmente começou sua ida à América em Hamburgo, onde embarcaram em um navio brasileiro, o Cuyabá.

Figura 1 – Foto do passaporte da família Lispector, depois de uma peregrinação pelo Leste Europeu que findou somente no Brasil. Clarice é a bebê à frente da foto



Fonte: IMS, 2004, p.8

Os Lispector chegaram a Maceió, depois de dois meses de viagem, de onde havia saído a carta-convite para entrar no país, mandada por comerciantes afamados na capital do Sergipe, a irmã e o cunhado de Mania, mãe de Clarice. Depois de três anos em Maceió, a família parte para Recife, é lá que a menina Clarice é alfabetizada e convive com a comunidade judia da cidade, lá também é que seus primeiros contos são rejeitados nas seções infantis dos jornais da cidade, o motivo? “e a razão para os escritos não serem publicados é uma só, conforme afirmará mais tarde: suas histórias não falavam de ‘fatos’, mas de ‘sensações’” (IMS, 2004, p. 10).

Aos 12 anos, ela, o pai e uma irmã, após a morte da mãe, partem para o Rio de Janeiro, onde completa seus estudos e lê muito, em uma biblioteca de aluguel, autores brasileiros e estrangeiros, é dessa época a leitura de *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse, livro que a marcou a vida toda (IMS, 2004).

Sua estreia como escritora acontece em 1940, com a publicação em um semanário independente chamado Pan de um conto seu: *Triunfo*.

A narrativa traz temas que serão recorrentes na ficção de Clarice: as dificuldades do relacionamento amoroso, relatadas a partir das sensações de uma mulher que, abandonada pelo marido, em sua solidão descobre a força interior. Pelo que se tem registro, é a primeira vez que um texto ficcional de Clarice Lispector ganha lugar na

imprensa, apesar de a autora haver dito, em reiteradas ocasiões, que um outro conto, escrito “aos 14 ou 15 anos”, ainda sob a influência de *O lobo da estepe*, saíra na *Vamos lêr!*, revista que pertencia ao grupo A Noite e era editada por Raymundo Magalhães Júnior. É possível que a autora se tivesse confundido com outro conto, este sim, publicado na revista de Magalhães Júnior, em 10 de outubro– “Eu e Jimmy”, centrado ainda na complexidade das relações afetivas. Nesse mesmo ano, escreveria vários outros contos: “A fuga”, em que uma mulher experimenta o desejo de escapar de uma união conjugal estagnada; “História interrompida”, sobre a relação amorosa como processo destrutivo; e “O delírio”, em que um escritor transforma a experiência da doença em “material poético”. Tanto “Triunfo” como “Eu e Jimmy” permanecem até hoje fora das obras da autora; os outros textos citados apareceriam no volume póstumo *A bela e a fera*, de 1979. (IMS, 2004, p. 12).

Dessa época também é o primeiro trabalho oficial como redatora da Agência Nacional, em que convive com escritores brasileiros, como Antônio Callado, Otto Lara Resende e Lúcio Cardoso, além disso, cursava a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

O primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, é publicado em 1944, já naturalizada brasileira, mas os louros do inesperado romance são reconhecidos em Belém, capital do Pará, para qual tinha se mudado e onde permaneceu por seis meses, em virtude do casamento com o diplomata Maury Gurgel, Clarice morou no Grande Hotel e travou amizade com Benedito Nunes e Francisco Paulo Mendes.

E em mais de trinta anos de carreira, Clarice escreveu contos, crônicas para jornal, romances, histórias infantis levando em paralelo uma carreira profícua de jornalista junto com a escritora, dentre suas principais obras, destacam-se *A paixão segundo G.H.*, *A legião estrangeira*, *O lustre* etc.

A Hora da Estrela, aqui analisada, é sua última obra, lançada em outubro de 1977, um mês antes de descobrir um câncer generalizado e poucos meses de vida. A escritora morre em 9 de dezembro de 1977, um dia antes de seu aniversário.

Alguns críticos acreditam que Clarice é uma das precursoras do movimento renovador da literatura pós-moderna no Brasil, Coutinho (2003, p. 253) afirma que ela estreia “numa perspectiva nova da ficção brasileira que teria a sua autonomia criadora a partir de 1956”, opondo-se a opinião que ela não deve ser associada à literatura da terceira fase do movimento modernista, pois a autenticidade de sua escrita prenuncia um marco estético na literatura brasileira.

Na extensa discussão acerca da produção literária clariceana, Nunes (1989) afirma haver uma nítida linha de continuidade de temas que caracterizam a concepção de mundo da escritora e que se evidenciam desde *Perto do Coração Selvagem* a *O Livro dos Prazeres*, pois

Autoconhecimento e expressão, existência e liberdade, contemplação e ação, linguagem e realidade, o *eu* e o mundo, conhecimento das coisas e relações intersubjetivas, humanidade e animalidade, tais são os pontos de referência do horizonte de pensamento que se descortina na ficção de Clarice Lispector, [...] (PELLEGRINI, 1996, p.99).

Essas temáticas que percorrem e pontuam a escrita de Clarice configuram-se nas obras através de uma investigação profunda que busca atingir as camadas intrínsecas da mente humana. Além disso, Coutinho (2003, p.255), referindo-se ao romance *A Paixão Segundo GH*, afirma que os personagens de Clarice possuem uma profunda dimensão psicológica, e destaca o predomínio de um “pensamento inquiridor” no percurso narrativo de suas obras. Tais características são fortemente evidenciadas no romance *AHE*, por exemplo, no trecho em que se constata a persistência dessas indagações: “Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo [...] Para que escrevo? E eu sei? Sei não.” (*AHE*, 1998, p. 36).

As indagações são do narrador Rodrigo SM, ele parece travar um diálogo com o possível leitor ou consigo mesmo, acerca da condição sub-humana da nordestina ao qual ele também se identifica, porém, por ser ele um escritor o diferencia de Macabéa. Mas deixa subentendido que ambos estão à margem da sociedade colocando em dúvida a própria arte de escrever.

Clarice anuncia nas primeiras páginas do livro *AHE* que irá contar uma história “exterior e explícita” (*AHE*, 1998, p.13). Para Coutinho (2003), essa assertiva contraria a trajetória da autora que até então era considerada pela crítica literária como “intimista e implícita”. Tais características levaram Clarice a ser durante muito tempo, considerada, pela crítica engajada, como “alienada”, termo que equivalia, nessa época, a uma condenação.

É certo que o estilo narrativo de Clarice se distingue dos poetas engajados, que defendem projetos políticos, morais, sociais entre outros por meio de uma linguagem mais objetiva, porém ela parecia ter plena consciência de seu modo peculiar de narrar, tal como ela mesma afirmou em entrevista: “Há gente que cose para fora, eu coso para dentro” (LISPECTOR apud GOTLIB, 2009, p. 466), porém, isso não indica que a autora se exima das mazelas da sociedade, ela os questiona e problematiza através de uma linguagem que lhe é peculiar.

Fukelman (2011, p.45) discorre sobre o romance *AHE* afirmando que “existe algo de novo para além do insólito prefácio, em forma de dedicatória, [...]”, pois, a intimidade com que o choque social é apresentado, a agudeza na investigação da natureza e psicologia

humana são algumas das peculiaridades do referido romance no qual Clarice Lispector trama um embate entre o escritor brasileiro moderno e a condição indigente da população brasileira.

Nesse sentido, compreende-se que Clarice extrapola os limites da própria linguagem e vai além da sondagem interior, cria o narrador Rodrigo SM, que não se contém em apenas contar a vida da nordestina Macabéa e questiona não somente o ser humano em sua existência, mas a própria realidade a partir de indagações sobre a linguagem e sobre o seu papel como escritor mediante a condição da moça (FUKELMAN, 2011).

Nunes (1989) afirma que o processo de construção da narrativa na obra clariciana, traz à tona a problemática das “formas narrativas tradicionais e da posição do próprio narrador em sua relação com a linguagem e a com a realidade”, como um “jogo de identidade” entre a autora e suas personagens, pois na obra AHE, conjugam-se três histórias: a da vida de Macabéa, a do narrador interposto Rodrigo e a história da própria narrativa, em que Clarice Lispector demonstra querer conferir a autenticidade de sua narração.

Jaime Ginzburg (2000) em seu texto *Autoritarismo e Literatura: A história como trauma*, afirma que as mudanças histórico-sociais no Brasil alteram profundamente as representações humanas, sendo que as bases de formação autoritária e violenta de nossa sociedade são evidentes na literatura através de formas de expressão que suspendem a objetividade do realismo tradicional. Assim, destaca alguns autores dentre eles, Clarice Lispector em que suas obras são detentoras de problemas formais que apontam para tensões da sociedade brasileira. Desse modo, a fragmentação do texto, a descontinuidade formal, as contradições, questionamento acerca da capacidade comunicativa e expressiva da literatura vem romper com as formas literárias tradicionais. (GINZBURG, 2000). Desse modo, o texto clariceano estabelece uma ruptura com discursos alinhados ao estado conservador, questionando a temporalidade e a causalidade clássicos, há uma “renúncia aos modos convencionais de representação” (GINSBURG, 2000, p. 47).

Em meio a essas primeiras impressões a respeito da escrita clariceana, sobretudo do projeto literário desenvolvido na obra AHE, acredita-se que um dos aspectos que merece ser investigado no referido romance é a figura da personagem Macabéa que, descrita pelo olhar atento e profundo do narrador Rodrigo SM, reflete parte das inquietações e do vazio existencial que se alastrava a ponto do indivíduo sentir-se cada vez mais um objeto.

Moreira (2007), na antologia de contos *Os laços de família*, (1960), de Clarice Lispector, propõe a abordagem de elementos da linguagem na construção do texto bem como aspectos da constituição dos sujeitos das personagens atentando para o perfil melancólico que

os identifica. Assim, destaca como elementos melancólicos, “características do sujeito ficcional que os situem num plano de ambiguidade tanto no sentido individual quanto em suas relações com o meio social” (MOREIRA, 2007, p.37), pois, em se tratando do texto literário, o comportamento melancólico pode ser verificado tanto pelas atitudes das personagens quanto por elementos textuais, como a ambiguidade, antíteses, sinestésias, paradoxos, entre outros.

Walter Benjamin (1996, p. 197), afirma que o ato do ser humano de transmitir experiência ao próximo está desaparecendo. As pessoas estão perdendo cada vez mais a “faculdade de intercambiar experiências”, parece que a arte de narrar está se apagando, de contar fatos e socializar experiências como sempre se fez. Benjamin atribui esse fato as mudanças sociais, transformações tecnológicas que incorporam elementos diversos no cotidiano do ser humano como, por exemplo, as informações televisivas, a imprensa, bem como, os horrores da sociedade contemporânea, numa época de duras batalhas que só se intensificaram ao passo da modernização da sociedade. Na obra, objeto desta pesquisa, percebemos uma moça que mostra-se incapaz de estabelecer um discurso coerente, e de ser comunicar com outras pessoas. Considerando que a nordestina Macabéa vive na grande cidade do Rio de Janeiro, tem como distração diária ouvir a Rádio relógio, de onde ela consegue absorver somente informações inúteis, pois, naquele período o objetivo dos programas televisivos era apenas distrair a população dos acontecimentos da realidade, percebemos o quão imersa está a personagem nesse contexto destacado por Benjamin, melhor dizendo, Macabéa representa o silenciamento dos excluídos, onde, por mais que ela tentasse desenvolver um diálogo, a falta de sentido, de conexão acabam evidenciando a total apatia em que vive Macabéa.

Partindo dessas contribuições, Moreira (2007) constrói sua análise, ressaltando que o livro de contos *Laços de família* representa perfeitamente este período de conflitos. Esse aspecto pode ser observado dentro da obra através da busca constante das personagens por uma identidade e a sensação de vazio que as consome pela incapacidade de se expressar.

O autor destaca algumas situações descritas nos contos que parecem ter sido registrados em câmera lenta, ressaltando a ideia da lentificação do tempo, aspecto que, segundo ele, se apresenta como elemento diverso da estrutura textual realista em que “o tempo cronológico é privilegiado considerando o tempo como uma instancia em que se pode moldar a circunstância narrativa” (MOREIRA, 2007, p. 89), este aspecto caracteriza o texto moderno em que se observa a ideia de fragmentação: da personagem do texto e do próprio tempo. Essa fragmentação evidencia-se através de um comportamento melancólico que constitui o sujeito

das personagens da antologia de contos já mencionada. Sendo que o perfil melancólico aqui estudado, oscila entre o embotamento e o desejo de se autoafirmação.

Moreira destaca em alguns contos do livro *Laços de família*, as antíteses e sinestésias que demonstram imagens paradoxais: em *Devaneio e embriaguez duma rapariga*, “havia certas cousas boas porque eram quase nauseantes”. Scliar (1974) faz algumas analogias entre as obras *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Jeca Tatu*, de Monteiro Lobato, e AHE, de Lispector, destacando a tristeza existente nesses personagens. Sobre os personagens Macunaíma e Jeca, o autor afirma que:

O resultado, nos dois personagens, é a tristeza. Não é a depressão tratável pelo Prozac, não é a melancolia do intelectual. É tristeza mesmo, uma tristeza resignada, que se expressa no suspiro, no choro. Jeca vence essa tristeza com botinas ringideiras, com o Biotônico Fontoura — e, claro, com o trabalho que o enriquece. Macunaíma não tem tanta sorte. Vai para o céu — ou seja, morre —, mas mesmo lá transformado em constelação, “banza solitário”. (SCLIAR, 2003, p. 100).

Já Macabéa, não era uma pessoa triste, porque nem triste ela conseguia ser. Tristeza “era coisa para rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo” (AHE, 1998, p. 56) e ainda nas palavras de Scliar (1974):

Tristeza é, pois, o equivalente da melancolia. Macabéa é “crônica”. “Vazia, vazia”, ela não consegue sequer sofrer. Não se trata de fome, não se trata de doença. Trata-se de uma forma extrema de alienação. Macabéa não vai, como Macunaíma, transformar-se em constelação — quem é ela para isso? A hora da estrela é para ela “a hora de nossa morte, amém” (SCLIAR, 2003, p. 100).

Como bem evidenciou o autor, tristeza é uma das características manifestadas pelo ser melancólico e esse aspecto de tristeza, emerge na figura de Macabéa e norteia todo o texto de *A hora da estrela*. A melancolia, como já visto, não é um sentimento do modernismo ou pós-modernismo, é uma “antiga acompanhante da humanidade, e assim como esta última, também possui uma história cheia de inconstâncias, e que pode ser acompanhada de inúmeras manifestações” (JAREK, 2006, p.9).

Portugal (2009), em sua tese intitulada *As várias máscaras de Joana: A melancolia em Perto do coração selvagem*, considera a melancolia como elemento constituinte de processos internos de personagens clariceanas, no qual a atmosfera melancólica manifesta-se através de um movimento ambíguo e contraditório. Para o autor, as obras de Clarice se constroem por uma escrita fragmentária que prima pelo discurso indireto livre na tentativa de captar os pensamentos mais íntimos das personagens, sobretudo, no que se refere à Joana, protagonista da obra estudada, que vive na constante busca de sua identidade, entre a memória da infância e os impasses da vida adulta.

Desse modo, “o mundo moderno é o mundo do fragmentado, da impossibilidade de uma unidade coerente, mundo em ruptura e em constante processo de reconstrução”. (PORTUGAL, 2009, [s.p.]) e é assim que se desenvolve o discurso nas obras de Clarice Lispector, no qual se destaca o romance de estreia, *Perto do coração selvagem*, explorando a solidão e a incomunicabilidade humana, que apontam para uma visão crítica dentro da sociedade moderna.

Partindo desses pressupostos que se destacam na escrita clariceana, a presença do caráter melancólico e que apontam para tensões dentro da sociedade moderna, passamos então para leitura e análise da AHE, objeto de estudo deste trabalho.

5 SER “UM PARAFUSO DISPENSÁVEL”: A MELANCOLIA DE MACABÉA

É interessante reconhecer em *A hora da estrela*, na personagem Macabéa, as possíveis situações relacionadas à melancolia: sua vida é marcada por sucessivas perdas, sendo as mais latentes ao longo do texto, a perda dos pais, ainda em Alagoas, passando a morar com uma tia que a levou para morar no Rio de Janeiro; depois, a morte de sua tia, nesse momento, Macabéa fica sozinha no mundo até conhecer o então namorado Olímpico de Jesus, o qual ela também perdeu para sua “melhor amiga” Glória. A última perda foi justamente seu emprego, mas o chefe, sensibilizado, a deixou continuar por mais um tempo.

Como vemos, a vida da nordestina Macabéa é marcada ao longo do romance por sucessivas situações propiciadoras de um sentimento de perda que são responsáveis por constituir uma atmosfera melancólica no romance, porém, veremos no decorrer da análise que a essas perdas pertencentes ao campo real da vida da protagonista, também figuram dentro da obra a sensação da perda de algo mais enigmático, abstrato, que está aos poucos absorvendo o ego de Macabéa como podemos observar no seguinte trecho “ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço.” (AHE, 1998, p. 50).

Essa sensação de sentir uma necessidade de algo que não sabe dizer em palavras demonstra toda a fragilidade do ser humano mediante um tempo brutal, cunhado pelo capitalismo, que aniquila o ego da protagonista do romance e do sujeito que tenta sobreviver às margens da sociedade. Tanto nas longas descrições do narrador sobre a moça como nas poucas vezes que Macabéa se enuncia, observamos a figura de um ser que parece estar

desconectado do mundo que o rodeia, como podemos observar em uma conversa entre ela e seu namorado Olímpico de Jesus, em que ele a questiona por ela afirmar não se sentir gente.

Ela: – Eu?!

Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: – Mas todo mundo é gente, meu Deus!

Ela: – É que não me habituei.

Ele: – Não se habituou com quê?

Ela: – Ah, não sei explicar. (AHE, 1998, p. 48)

Desse diálogo podemos constatar a própria coisificação do ser, que não se reconhece como “gente”, Clarice não só sente a dor dos menos favorecidos, como dá o seu “grito de horror ávida” (AHE, 1998, p. 33). Por meio da nordestina Macabéa, com seus discursos aparentemente sem sentido, reflete-se toda a instabilidade social de um povo ameaçado pelo poder do Estado que o reprime, que pune qualquer forma de expressão contrária a ele, desse modo, o indivíduo não se reconhece como cidadão portador de direitos à cidadania, à educação, à cultura, à liberdade de expressão.

Destacamos outro trecho, de uma conversa em que Glória questiona o hábito de Macabéa em tomar constantemente aspirina, no qual ela responde: “É para eu não me doer. – Eu me dão o tempo todo. – Aonde? – Dentro, não sei explicar.” (AHE, 1998, p.25). Reforça-se assim a dor que é constante no discurso da personagem e que está aos poucos absorvendo o seu ego.

Além disso, há uma sensação de ausência de si mesma, a experiência de um vazio que permeia o ser da personagem a ponto dela não conseguir expor em palavras as suas sensações e a dor surge como uma metáfora da inquietação sentida pela maioria dos brasileiros, pois, a obra AHE foi escrita em um momento histórico de desalento, seja pelo fim do “milagre econômico”, a distensão lenta e gradual de Geisel, que em algum momento, retoma a repressão, e a falta de perspectiva do brasileiro em uma realidade de recessão que acaba desumanizando a sua própria dor.

Desse modo, a melancolia de Macabéa só é a personificação da “instabilidade emocional” de uma sociedade no qual a felicidade não é uma certeza, talvez uma incoerência ou mesmo uma impossibilidade, o que só confirma a visão de Freud ao diferenciar luto e melancolia explicando que, para o enlutado, o mundo se torna pobre e vazio, já na melancolia, o empobrecimento recai sobre o ego do sujeito, daí advém as características do ser melancólico: o desânimo profundo, a falta de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e a baixa autoestima (FREUD,

1917), o que pode ser comprovado com o seguinte trecho da obra “Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem algum.” (AHE, 1998, p.25)

Nesse sentido, considerando o período e a realidade em que narrador, personagem e a própria escritora estão mergulhados, é fácil perceber, nas entrelinhas, o desencanto com aquele quadro como um todo. Rodrigo SM deixa clara a desilusão com uma sociedade em que somos projetados e inseridos por meio de divisões sociais, Rodrigo se identificava com Macabéa em sua marginalização pessoal, ele não era rico, não era reconhecido como escritor e também não era lido pelas classes menos favorecidas, ou seja, para o narrador, ele era tão destituído de humanidade quanto Macabéa, por exemplo, quando diz que:

Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto [...]. Não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim (AHE, 1998, p. 19).

O narrador Rodrigo SM, demonstra ter plena consciência de sua limitada inserção na sociedade em sua condição como escritor, ou melhor, escritora, pois ela, Clarice Lispector, representada pelo narrador-personagem, revela uma forte preocupação com o que escreve e, às vezes, o faz questionando seu próprio ato de escrever, tal como diz “Para que escrevo? E eu sei? Sei não.” (AHE, 1998, p. 36).

Fato é que, em meio a todos os problemas sociais que se arrastam, talvez a leitura estivesse deixando de ser uma preocupação ou mesmo um interesse do sujeito, cidadão comum da classe baixa, que parece cada vez mais buscar apenas sobreviver, tal como insinua o narrador de AHE se reportando ao leitor: “Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente” (AHE, 1998, p. 30). Quanto à classe alta, representada pelos detentores do poder, os grandes empresários, a alta burguesia e os que, de certa forma, ocupavam uma posição social confortável na sociedade enxergam os artistas e escritores em geral como prováveis subversivos, uma vez que, de diversas formas, trazem por meio da arte, a realidade, e esse aspecto está subentendido na obra, tal como afirma Rodrigo SM: “O que é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu nem que seja de pouca arte o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito.” (AHE, 1998, p. 13).

A escrita de Clarice, inserida em um movimento renovador da literatura pós-moderna no Brasil, como afirma COUTINHO (2003, p. 253), rompe com o realismo tradicional e nos

apresenta pelo romance AHE, a nordestina Macabéa, uma jovem alagoana que deixa sua terra natal e migra para a grande cidade do Rio de Janeiro, assim como milhões de brasileiros que migravam para as cidades e buscavam uma oportunidade que lhe possibilitasse viver com o mínimo de dignidade possível.

Desse modo, mediante a representação da jovem tem-se a figura do sujeito vivendo dias amargos da extrema pobreza, sendo absorvido através de seu próprio desencanto pelo mundo que o cerca e conseqüentemente pela vida. Podemos confirmar tal afirmação tomando como exemplo “Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê?... quer dizer não sei bem quem eu sou.” (AHE, 1998, p. 26) ou “Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava.” (AHE, 1998, p. 54).

O discurso vazio, contraditório e fragmentado reflete o período de extrema violência tanto física como psicológica do século XX que se manifesta através da linguagem em tempos sombrios de repressão e tortura que deixam marcas profundas no ser humano como, por exemplo, o trauma que culmina com a perda da capacidade de intercambiar experiências. (GINZBURG, 2003, p. 87).

Em AHE, ainda que haja alguma forma de comunicação por parte de Macabéa, esta se manifesta pelo discurso contraditório e sem sentido, conforme observado em uma conversa de Macabéa e seu namorado, Olímpico de Jesus:

E então? Ela: – Então o quê? Ele: – Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível? Ele: – Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado. Ela: – Acho que não sei dizer. (AHE, 1998, p. 25).

A realidade em que Macabéa cresceu (a tia beata, a infância sem amor e brincadeiras) replica em um esvaziamento de sua existência, se junta a isto uma realidade dura, em que viver dói e tem-se a fórmula do não ser de nossa personagem, alguém que passou neste mundo como que invisível e que só se revela na “hora da estrela” que na verdade é o momento de sua própria morte, quando nada mais importa.

Moreira (2007) afirma que em se tratando do texto literário, o comportamento melancólico pode ser verificado tanto pelas atitudes das personagens quanto por elementos textuais, como a ambigüidade, antíteses, sinestésias, paradoxos, entre outros. Desse modo, destaca-se, em AHE, uma situação em que a escritora se vale de aspectos textuais, como a ironia, e reforça a manifestação da melancolia na obra no momento em que os namorados,

Macabéa e Olímpico de Jesus, passeavam pela cidade e ele tentando mostrar a sua força física, levantou Macabéa acima dos próprios ombros e ela exclamou: “Deve ser assim viajar de avião” (AHE, 1998, p. 53). Olímpico concordou, porém: “não aguentou o peso em um só braço e ela caiu de cara na lama, o nariz sangrando.”, em que Macabéa foi logo dizendo: “não se incomode foi uma queda pequena” (AHE, 1998, p. 53).

A simplicidade da conversa de Macabéa e Olímpico durante esse episódio, e a ingenuidade da moça que, apesar de machucada, ainda sente a necessidade de ser dócil com o namorado são detalhes que Clarice descreve em uma situação engraçada e aparentemente banal, mas que quando contrastando com a realidade leva a perceber o mundo degradado que cerca Macabéa, pois a situação da moça no momento em que cai “de cara na lama” e o nariz começa a sangrar remete-nos à vida miserável que ela levava, a sua inserção limitada na sociedade, bem como a ingenuidade perante a situação a que estava submetida.

Mediante essas observações constata-se que, em se tratando da constituição dos processos internos de Macabéa, há uma fragmentação que pode ser traduzida pelo seu perfil melancólico, do qual, ela, obviamente, não tem consciência, o que só corrobora a sua descrição como um indivíduo oco, sem vida e inexpressivo, características recorrentes no sujeito melancólico, desde as suas primeiras manifestações, o que lembra a Teoria dos Humores, descrita por Hipócrates, em que o melancólico era magro, pálido, taciturno, lento, silencioso, desconfiado, invejoso, ciumento, solitário (SCLIAR, 2003).

Além dos elementos citados, que revelam a manifestação do caráter melancólico como reflexo das inquietações e angústia no existir do indivíduo moderno, destacam-se elementos ligados ao tempo e que desempenham papel fundamental na identificação do caráter melancólico presente na obra, pois, no texto moderno observa-se a ideia de fragmentação da personagem, do texto e do próprio tempo evidenciada pelo comportamento melancólico, já em AHE, esse aspecto pode ser destacado pelo tipo de construção que parece alongar os sons das palavras: “leeeenta”, “puuuuulando”, “aaaar” e “ooooouteiros”, ressaltando nesse trecho, a falta de conexão da moça com o mundo e, numa leitura um pouco à frente, tem a ver com a noção de tempo pro melancólico evidenciada por Freud em *Luto e Melancolia*, uma vez que, para o melancólico, o tempo não passa. Para Macabéa também o mundo não passa, assim como as coisas não mudam, não acontecem, seu presente se caracteriza pela repetição do nada e a rotina é sua maior companheira. Centrada em seu mundo particular, Macabéa parece não se preocupar perante a sua limitada inserção na sociedade devido a total falta de consciência

sobre sua existência, diferente, por exemplo, de Joana, de *Perto do Coração Selvagem*, e sua crescente descoberta enquanto mulher e sujeito de sua vida.

Moreira (2007, p.46) afirma que a rapidez imposta pelo sistema capitalista, o deslumbramento da sociedade pelo consumismo, faz com que o indivíduo perca a base de um universo existente até então e, no texto literário, esse aspecto irá se manifestar através dos impasses vividos pelos personagens.

Nesse sentido, o trecho seguinte prevê a suposição de que Macabéa vivia em um “mundo” particular do qual nem ela mesma tinha consciência de sua existência: “[...] ela vive num limbo impessoal, sem alçar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando.” (AHE, 1998, p. 23), a consciência embrutecida sobre a realidade só oferece à heroína “viver um dia de cada vez”, sem pretensão alguma de mudança, de ascensão, o que reflete, de novo, a profunda observação das agruras cotidianas do país e a relação com a dureza da ditadura, entre outras coisas e que, mesmo com as críticas, pode ser percebida na obra de Clarice Lispector, pois:

Clarice defendeu-se da acusação de alienação social, dizendo que, para ela, o social era o óbvio. Tendo crescido no Recife, entre “sobrados e mocambos”, a pobreza era seu cenário e sua vivência. Por isso, ao contrário do que se afirma, o social permeia sua escritura, embora se recusasse a escrever, explicitamente, sobre o óbvio. (IMS, 2004, p. 286).

Daí a leitura de que, na escritura de AHE, não era só o câncer que lhe acompanhava, mas também uma percepção mais aguda dos tempos Geisel, em que há um recrudescimento da repressão política, além do fim do “milagre econômico”, trazendo a todos o gosto amargo da recessão econômica⁶, já que Macabéa era “movida pelo desalento em relação à realidade política brasileira e à condição humana de uma sociedade disposta no limiar entre a certeza da revolta e a destruição dos sonhos, já que a revolução não seria possível.” (SARMENTO-PANTOJA, 2014, p. 33).

Desse modo, em AHE temos a protagonista Macabéa como reflexo do ser em desconstrução. A moça em sua origem já é reflexo de um povo marginalizado, considerando o Nordeste com uma agricultura atrasada, a desigual concentração de renda e o fenômeno da

⁶ RODRIGUES, Manoel Freire. **Uma Encenação Cômica Da Tragédia Brasileira**: Notas sobre A hora da estrela. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/e00006.htm>>; SOUSA, R.M. **O Sujeito Deslocado em A Hora da Estrela**. Revista de Letras, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/3195/2023>>; LIMA, Elaine Aparecida. **A Inserção Da Realidade No Texto De Clarice Lispector**. Publ. UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes, Ponta Grossa, 14 (1) 73-80, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2795/2080>>.

seca que impossibilitava qualquer forma de sobrevivência. Como migrante nordestina, na grande cidade do Rio de Janeiro, Macabéa sofria com o preconceito em decorrência de sua pobreza, de suas origens, pois, vivia em uma “*cidade que parecia toda feita contra ela*”, e no âmbito mais amplo, Macabéa representava o ser humano marginalizado, que segundo Scliar (1974), considerado uma espécie de mecanismo de relógio ou máquina:

[...] passa a sentir-se “essencialmente só”, possuído pela sensação de existir em isolamento — como se fosse uma estátua pensante, dotada de olhos que podem enxergar, de ouvidos que podem escutar, de um cérebro que pode raciocinar — mas incapaz de estabelecer contato com outras estátuas falantes (SCLIAR, 2003, p. 48).

Tal como Macabéa, que teve sua vida marcada por uma longa meditação sobre o nada, que traz em si as marcas do desalento da solidão no existir na pós-modernidade mediante um tempo que tem como base uma economia capitalista, o consumismo desenfreado da classe favorecida, o intenso processo de industrialização que deveria para beneficiar a maioria, porém, acabou desvalorizando não somente a mão de obra, mas, desvalorizando o ser humano como um todo e ainda sim ter que conviver com um governo autoritário que não consegue “enxergar além de seu próprio umbigo”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procurou-se não somente identificar a melancolia pressuposta por médicos, psiquiatras e afins na obra AHE, mas reconhecer nas sensações e percepções descritas pelo narrador Rodrigo SM, sobre o não ser de Macabéa e nas poucas vezes, que ela se enuncia, as tensões presentes no indivíduo da pós-modernidade que se manifestaram nos vários campos do saber e, principalmente, na Literatura. Daí, compreender os “enigmas” da escrita clariceana e os implícitos que estão camuflados nas entrelinhas da obra pelo comportamento de Macabéa e no discurso apresentado pelo narrador Rodrigo SM e, assim, contribuir com a crítica literária e com a história através da investigação do caráter melancólico e sua relação com a realidade política brasileira e a condição do sujeito em meio ao caos social daquele período.

Uma das principais considerações a serem feitas sobre o tema da Melancolia em AHE é justamente o fato de Clarice Lispector, talvez a contragosto, pois como afirma ainda nas primeiras páginas do livro “é que experimentarei contra os meus hábitos suma história com começo, meio e “gran finale” utilizar-se de recursos linguísticos que primam pela

subjetividade dos personagens e, ao mesmo tempo, propor uma estratégia narrativa que de certo modo, contemplem o desastre social e emocional que se espalha na sociedade em meados do século XX e que circunda todo o desenvolvimento da obra AHE.

Clarice Lispector escreveu AHE no ano em que morreu, os sintomas do câncer terminal já lhe percorriam o corpo, há na obra esse quê de reflexão sobre as singularidades da vida, sobre a solidão de existir, sobre sermos e estarmos em uma sociedade no qual somos um parafuso dispensável, além das reflexões embutidas no discurso do narrador Rodrigo SM sobre a realidade do homem de classe média naquele contexto de crise econômica.

A vida de Macabéa, marcada pela fragilidade e o desalento do sujeito moderno revela o quanto a reflexão da escritora perpassa por um olhar agudo que tange à desesperança, à dureza e à dor de viver. Tudo isso, considerando o momento histórico em que o Brasil se encontrava com o recrudescimento da ditadura, a crise econômica, os altos índices de analfabetismo e miséria, que se refletem na vida simples de Macabéa, na maneira como passa despercebida por todos em uma cidade que parece toda feita contra ela, no modo ingênuo de enfrentar a vida, e no discurso vazio com que se expressa.

Interessante perceber que assim como no início do romance Clarice através do Narrador Rodrigo SM, por meio de longas reflexões e questionamentos adiando assim a revelação da vida de Macabéa. Do mesmo modo, nas últimas páginas ela hesita em relatar o final do romance que culmina com a morte da moça. Percebe-se assim, que a escritora utiliza-se desta estratégia e convida o possível leitor a refletir sobre a condição da jovem que agora “*grávida de futuro*”, quando enfim, conseguiu alimentar sua consciência de um desejo, de uma esperança, é atropelada por um Mercedes amarelo, carro de luxo da época que contrasta com a condição miserável da jovem, levando-nos a refletir sobre o verdadeiro responsável pela morte da nordestina implícito na imagem de um carro de luxo que representa tudo aquilo que está além de nossas próprias escolhas, o poder de um governo autoritário que não consegue “*enxergar além de seu próprio umbigo*”, a futilidade de uma sociedade consumista que não se sensibiliza com a dor alheia. Desse modo, nas últimas páginas, torna-se inevitável narrar os últimos sopros de vida de Macabéa, mesmo que, contra sua vontade, a escritora justifica-se pois, não se sente com o poder de inventar, ela segue uma “*oculta linha fatal*” que seria a própria condição de falta de perspectiva da jovem e das “*massas*” em dias melhores, assim, a morte de Macabéa aparece como metáfora em relação à morte dos sonhos, da esperança, diante do milagre econômico que não acontece, diante de uma luta em nome de uma democracia que nunca chega.

Desse modo, este artigo identificou que os traços da melancolia em Macabéa e no percurso narrativo de AHE apontam para tensões na sociedade, que revelam as dificuldades da realidade naquele fim dos anos 1970, em que o Brasil se encontra imerso em uma forte crise econômica e lutando por uma democracia, representados na figura da nordestina Macabéa, que, durante toda a narrativa, vive na grande cidade do Rio de Janeiro e passa despercebida perante a sociedade. Inserida no contexto social brasileiro do século XX a obra AHE apresenta o discurso do desenvolvimento do país que soprava aos quatro cantos, porém, com a industrialização e as inovações nos meios de comunicação e informação só reforçam cada vez mais a insignificâncias do ser humano diante de um processo excludente de desenvolvimento.

Constatou-se que, contrário a outras personagens criadas por Clarice, Macabéa é um ser excepcional, pois ela é um ser que poucas vezes se enuncia na obra e quando o faz, manifesta-se através de discurso vazio e inexpressivo. A moça apresenta uma enorme dificuldade em se pronunciar, e esse aspecto revela a um tempo brutal, cunhado pelo terror da violência da ditadura militar que marca a vida do indivíduo a ponto do mesmo sentir enorme dificuldade em se expressar verbalmente e mesmo desumanizá-lo.

Então, como sugere Clarice desde as primeiras páginas da obra até o final do romance, que cada um que leia este livro, consiga captar o que está escrito e até o que não está, pois “quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos.” (AHE, 1998, p.12) E, captando tudo que está inserido nas entrelinhas da obra e na figura de Macabéa, que cada leitor se reconheça como tal, pois, como sugere a escritora “todos nós somos um e que não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe falta coisa mais preciosa que ouro.” (AHE, 1998, p.12). E, em se tratando do sujeito comum do século XX faltava-lhe dignidade, direitos, liberdade, sonhos, perspectivas, faltava-lhe vida.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2003.

IMS. **Cadernos de Literatura Brasileira**, Rio de Janeiro, n.17-18, 2004.

FERRARI, I.F. Melancolia: de Freud a Lacan, a dor de existir. **Latin American of Fundamental Psychopathology on line**, v. 1, p. 105-115, 2005.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. **Sigmund Freud Obras Completas**. v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917).

FUKELMAN, C. **A Ironia Pragmática em A Hora Da Estrela**. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl29Art04.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

GINSBURG, Jaime. **Autoritarismo e Literatura**: A História como Trauma. Disponível em: <<https://periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/download/533/523>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

_____. Clarice Lispector e a Razão Antagônica. In SCHMIDT, Rita Terezinha. *A ficção de Clarice Lispector: nas fronteiras do (im)possível*. (Org.). Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

GOTLIB, Nadia Batella. **Clarice**: uma vida que se conta. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

JAREK, Márcio. **Entre a hesitação e a ação**: a melancolia, o barroco e a literatura em Walter Benjamin. 2006. 101f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

KEHL, M.L. **O Tempo e o Cão**: a atualidade das depressões. Rio de Janeiro: Boitempo, 2009.

LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOREIRA, M. G. **Linguagem e Melancolia em Laços de Família**: histórias feitas de muitas histórias. Dissertação (Mestrado em Letras) - USP, São Paulo, 2007.

NUNES, B. **O Drama da Linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Filosofia Contemporânea**. Belém: EDUFPA, 2004.

PELLEGRINI, T. **A Imagem e a Letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

PORTUGAL, D. S. **As Várias Máscaras de Joana**: a melancolia em *Perto do Coração Selvagem*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2009.

RODRIGUES, M. F. **Uma Encenação Cômica da Tragédia Brasileira**: Notas sobre *A Hora da Estrela*. Disponível em:
<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/e00006.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SARMENTO-PANTOJA, A. **Melancolia e Desalento**: Macabéa, macambúzio e melancólico existir. In: Dossiê: Literatura, Cinema e Ditadura. Olho d'água, São José do Rio Preto, n. 6, v. 2, p. 1-134, 2014.

SCLIAR, M. **Saturno nos Trópicos**: a melancolia européia chega ao Brasil. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2003.

SARAIVA, A.O.; SERRA, M. A. **A pobreza e desigualdade regional no Brasil 1980 – 2004**. Disponível em: <http://www.pet-economia.ufpr.br/banco_de_arquivos/00004_POBREZA_E_DESIGUALDADE_REGIONAL_O_BRASIL.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SOUSA, R.M. **O Sujeito Deslocado em A Hora da Estrela**. Revista de Letras, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em:
<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/3195/2023>>. Acesso em: abr. 2017.